

Lázaro Ramos

Na minha pele



Copyright © 2017 by Lázaro Ramos

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa

Bob Wolfenson

Pesquisa

Isabela Reis

Preparação

Mariana Delfini

Revisão

Márcia Moura

Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ramos, Lázaro

Na minha pele / Lázaro Ramos. – 1ª ed. – Rio de
Janeiro : Objetiva, 2017.

ISBN 978-85-470-0041-7

1. Atores negros – Brasil 2. Discriminação racial
– Brasil 3. Memórias 4. Negros – Brasil 5. Racismo
– Brasil 6. Reflexões 7. Televisão – Brasil I. Título.

17-03646

CDD-791.45028

Índice para catálogo sistemático:

1. Atores negros : Racismo : Reflexões 791.45028

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 – Sala 3001

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editoraobjetiva

instagram.com/editora_objetiva

twitter.com/edobjetiva

Este livro é dedicado aos meus pequenos gigantes
João Vicente e Maria Antônia

Todos nós somos educados de uma maneira muito torta acerca do outro. O que a gente pode fazer é admitir que estamos em obras e ir corrigindo isso.

Emicida,
em entrevista para Lázaro Ramos
no programa *Espelho* em 2016

Prólogo

A saga do camarão

Este livro começou em 12 de outubro de 2007. Eu havia passado o dia anterior preso no aeroporto de Salvador por conta do apagão aéreo que assolava o país e estava com a mochila cheia de camarão seco, farinha, azeite de dendê e peixe frito que minha tia Elenita, que nós chamamos de Dindinha, insistiu para que eu levasse. Tinha medo de que tudo aquilo estragasse e o cheiro comesse a se espalhar pelo avião. Aterrissei no Rio com minhas iguarias intactas e segui direto para a reunião com a editora — que deveria ter acontecido na véspera, mas havia ficado para o fim da tarde daquele sábado. Comprei gelo na saída do aeroporto, que enfiei dentro de um saco junto com o camarão para ver se mantinha tudo fresco, e me encaminhei para lá.

Eu já tinha uma proposta na cabeça. Ou melhor, várias: um livro infantil baseado em uma peça que escrevi; um livro a partir de um texto que, além do nome (“A velha sentada”), só tinha oito páginas escritas; um livro com as entrevistas colhidas ao longo de três anos no programa *Espelho*,* que eu dirijo e até hoje apresento no Canal Brasil.

* Em 2017, o programa de entrevistas *Espelho* — idealizado, dirigido e apresentado por Lázaro Ramos no Canal Brasil — completa doze anos.

Foi aí que começou a aventura.

Todas as minhas ideias foram rejeitadas. E veio a provocação final:

— Por que não falar da sua experiência como ator negro?

As duas perguntas que mais fazem a um ator negro, além das básicas “Esse personagem é um presente para você?” e “Você prefere fazer teatro, cinema ou TV?”, são:

— Sendo um ator negro, o que acha dessa coisa toda de racismo?

— Como é fazer um médico, arquiteto, surfista, Roque Santeiro, boêmio da Lapa, padre, gay ou seja lá quem for... negro?

Quando ouço essa última, sempre me dá vontade de responder algo bem esdrúxulo, do tipo: “Não sei, pois nunca fiz um médico, arquiteto, surfista, Roque Santeiro, boêmio da Lapa, padre, gay ou seja lá quem for... verde”.

Às vezes, e sei que você que me lê agora também faz isso, no meio de uma conversa viajo para um universo paralelo e lembro ou imagino coisas. Neste momento, o universo paralelo se abriu e me lembrei de um papo que tive com Wagner (o Moura) depois que nos mudamos de Salvador para o Rio — ai, meu Deus, tá começando a cheirar forte o camarão —, em que ele, meio entristecido, disse que estava cansado, pois só era chamado para fazer papéis de bandido ou nordestino.

— E eu, brother, que só sou chamado para fazer negro? Você, pelo menos, ainda tem duas opções — brinquei.

Aterrissei de volta para a sala de reunião e fiz logo uma piada, daquelas com fundo de verdade.

— Só se o livro se chamar “É a última vez que falo sobre isso”.

Talvez eu tenha conseguido fazer a piada porque, àquela altura, eu já estava me sentindo satisfeito com o fato de ter na televisão um programa como o *Espelho*, em que a liberdade é total. Sem o

filtro de ninguém e no tom que nos conviesse. Falar sobre questões raciais num livro estava fora de cogitação. Ou talvez eu estivesse sentindo o temor de ter mais uma vez um branco na chefia controlando o que eu pensava. Me pareceu mais sábio continuar a ter a liberdade do *Espelho* do que o filtro de outra voz.

Voltei para casa com os pensamentos martelando na cabeça. Não dá, é muita exposição. Será que sei mesmo falar sobre esse assunto? Se for tentar, tem que ser no mesmo tom do programa. Faria esse livro com humor e poesia. Será que coloco dreadlock de novo?

Só no dia seguinte percebi que, no caminho de volta, tinha esquecido minhas coisas da Bahia em algum lugar. Tomara que quem achou pelo menos tenha gostado da farinha e do peixe de Dindinha.

Depois de ouvir deus e o mundo, voltei à editora. Dessa vez, me pediram que contasse mais sobre a ilha de onde vem minha família. Tinham pensado melhor e, talvez, em um primeiro livro, eu devesse falar de mim.

Quase me levantei da cadeira, como um touro preparado para dar uma chifrada. Biografia nem pensar! Isso é um mico, eu sou muito jovem para falar sobre minha vida. Sou uma exceção, e história de exceção só confirma a regra. Fazer mais um livro sobre o ponto de vista de uma exceção não ajuda em nada a questão da exclusão dos negros no Brasil. Meu Deus, como fazer um relato quase autobiográfico sem tornar o texto uma apologia a mim mesmo e a meus pares um pouco mais bem-sucedidos?

Só muito tempo depois surgiram os primeiros esboços deste livro. Afinal, por que não?

Nos anos que se seguiram, realizei uma verdadeira viagem no processo de escrita. Todos os meus convidados do *Espelho*, sem exceção, me ajudaram com informações, histórias, e me deram a

real dimensão da minha ignorância e falta de vivência sobre vários assuntos. Me identifiquei (sem me comparar, é claro) com passagens da biografia de Luiz Gama, o advogado também negro e baiano, e perturbei todo mundo dizendo para lerem o romance *Um defeito de cor*, da Ana Maria Gonçalves.* Me emocionei ao escutar as histórias dos meus parentes mais velhos. Dei muitas risadas ao relembrar as aventuras com meus companheiros de teatro e os amigos de infância do bairro do Garcia.

O *Espelho* foi o grande marco. Surgiu a partir do *Cabaré da raça* (1997), espetáculo criado e encenado pelo Bando de Teatro Olodum, grupo no qual entrei aos dezesesseis anos, em Salvador. O programa estreou na TV quando já fazia cinco anos que eu estava longe do Bando, morando no Rio. Ou seja: teve início num período em que eu já não estava mais tão próximo dos meus pares, aqueles que compartilhavam comigo uma determinada visão sobre alguns aspectos da questão racial no Brasil.

Ter passado a conviver com pessoas que não refletiam sobre o racismo no seu dia a dia me fez buscar argumentos para inserir esse tema nas conversas. Queria que elas percebessem o que para mim era tão claro. Queria dividir sem medo minha sensação de entrar num restaurante e ser o único negro no lugar. Queria mostrar as riquezas da cultura afro-brasileira, da qual eu tanto me orgulho e que é tantas vezes ignorada.

A experiência no *Espelho* me dizia que havia acontecido uma mudança de atitude e eu identificava nos negros uma vontade de não “ficar na queixa”. A palavra “identidade”, que passou a aparecer com cada vez mais frequência, calou fundo em mim. Ao mesmo tempo, comecei a ter a clareza de que essa não é uma “questão dos negros”. É uma questão de qualquer cidadão brasileiro, ela

* Ana Maria Gonçalves, *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

diz respeito ao país, é uma questão nacional. Para crescer, o Brasil precisa potencializar seus talentos, e o preconceito é um forte empecilho para que isso aconteça. Vamos buscar soluções efetivas para transformar essa situação?

Esta viagem que começa aqui só é possível porque redescobri um mundo que é meu, mas que não pertence só a mim. Ele é parte de uma busca que todos nós devemos fazer para compreendermos quem somos. Por isso, sempre que eu falar de mim neste livro, estarei também falando sobre você. Ou, ao menos, sobre essa busca saudável por identidades.

Os momentos que soarem mais autobiográficos estão aqui apenas para servir de fio condutor da viagem que fiz para destrinchar esse tema. Se posso fazer alguma sugestão, aconselho que abra este livro não para encontrar minha biografia, mas para ouvir as vozes dos que estão ao meu lado. Estas páginas foram elaboradas por várias vozes. É uma narrativa capitaneada por mim, mas que conta com a contribuição de uma série de personagens — alguns famosos e muitos anônimos —, que se reúne aqui para construir um caudaloso fluxo de informações, sentimentos e reflexões. São pessoas de diferentes idades, profissões, gênero e religiões.

Uso esta espécie de apresentação para dizer que ainda tenho muito a aprender e que eu sei que ainda há muitas respostas a buscar fora e dentro de mim. Não sou um acadêmico ou um pensador com trabalhos voltados para esta temática, e nunca pretendi expor aqui um estudo, mesmo que informal, sobre as questões raciais no Brasil.

Sei que encontrei em você uma companhia, que escolheu este livro numa livraria, ou o ganhou de presente de um amigo que não teve tempo de procurar outra coisa, ou quem sabe você o encontrou jogado num canto e começou a folheá-lo por acaso. Quem é você? Provavelmente nunca saberei, mas o importante é

que o milagre aconteceu e agora estamos juntos, vestindo a mesma pele, esta pele que viaja conosco e que nos antecede.

Espero que aqui você dialogue prazerosamente com outras pessoas. Com elas, além de ter aprendido muita coisa, organizei ideias, pontos de vista e percepções a respeito de como somos afetados individual e coletivamente por simples gestos (sejam eles positivos ou negativos).

A linha que costura este livro é a minha formação de identidade e consciência sobre esse tema, mas que, no fundo, é só um artifício para falar de todos nós.

Por enquanto é isso.

Boa viagem.

P.S.: Anos depois, um taxista me disse de forma efusiva: “Grande Álvaro Gomes (sim, ele errou meu nome), é a segunda vez que levo você no meu carro. Da última vez você estava caladão e até esqueceu um pacote com cheiro de bacalhau no porta-malas”. Eu imediatamente perguntei: “E você fez o que com o pacote?”. “Sabe que nem lembro?”

A ilha

Mãe, você morreu em 21 de julho de 1999. A partir desse dia passei um ano sem motivação. Um ano inteiro. Nesse período eu percebi que fazia as coisas para ver seu sorriso, e sem ele nada mais fazia sentido. Seu último ano aqui na terra foi doloroso, mas nós estávamos juntos, o que faz a dor ser o que menos lembro. Lembro mesmo é do seu sorriso.

Muita coisa mudou desde então. Seu menino magrelo percorreu muitos caminhos. E, mesmo depois de tanto caminhar, ainda me pergunto quem sou eu, como se ainda estivesse naquele primeiro ano sem você. Comecei, mãe, uma jornada para descobrir um pouco da minha, da nossa origem. Talvez você pudesse me contar muito sobre essas coisas ou até me falar do que você viveu, mas você partiu cedo e deixou esse oco.

Não começo falando com você que me acompanha nesta viagem porque qualquer bom filho que saia para uma aventura como esta, segundo minha sábia avó Edith, precisa deixar uma mensagem para a mãe. Por isso, antes de partirmos, precisei dizer essas palavras para ela, Célia Maria do Sacramento, minha mãe.

Poder dizer isso para ela é mais um passo na minha formação. Aliás, “poder dizer” já é um privilégio, não acha? Viajemos, então. Toda boa viagem começa numa ilha, pelo menos pra mim. Amo as ilhas como amo me lembrar das mãos da minha mãe.

Minha história começa numa ilha com pouco mais de duzentos habitantes, na baía de Todos os Santos. Uma fração de Brasil praticamente secreta, ignorada pelas modernidades e pelos mapas: nem o (quase) infalível Google Maps consegue encontrá-la. É nessa terra minúscula, a Ilha do Paty, que estão minhas raízes. O lugar é um distrito de São Francisco do Conde — município a 72 quilômetros de Salvador, próximo a Santo Amaro e conhecido por sua atual importância na indústria do petróleo. Na ilha, as principais fontes de renda ainda são a pesca, o roçado e ser funcionário da prefeitura.

No Paty, sapatos são muitas vezes acessórios dispensáveis. Para atravessar de um lado para o outro na maré de águas verdes, o transporte oficial é a canoa, apesar de já existirem um ou outro barco, cedidos pela prefeitura. Ponte? Nem pensar, dizem os moradores, em coro. Quando alguém está no “porto” e quer chegar até o Paty, só precisa gritar: “Tomaquê!”.

Talvez você, minha companhia de viagem, não saiba o que quer dizer “tomaquê”. É uma redução, como “oxente”, que quer dizer “O que é isso, minha gente”. Ou “Ó paí, ó”, que é “Olhe pra isso, olhe”. Ou seja, é simplesmente “Me tome aqui, do outro lado da margem”. É muito mais gostoso gritar “Tomaquê!”.

Assim, algum voluntário pega sua canoa e cruza, a remo, um quilômetro nas águas verdes e calmas. Entre os dois pontos da travessia se gastam uns quarenta minutos. Essa carona carrega, na verdade, um misto de generosidade e curiosidade. Num lugar

daquele tamanho, qualquer visita vira assunto, e é justamente o remador quem transporta a novidade.

Até hoje procuro visitar a ilha todos os anos. Gosto de entender minha origem e receber um abraço afetuoso dos mais velhos. Vou também para encontrar um sentimento de inocência, uma felicidade descompromissada, que só sinto por lá.

Graças à sua refinaria de petróleo, São Francisco do Conde é um dos municípios mais ricos do país. Durante muito tempo, de acordo com o IBGE, era lá que estava um dos maiores PIBs do Brasil. Essa dinheirama, porém, não chega até o cotidiano de quem mora no Paty. Eles até conseguem ver vantagens na vida simples que levam: como não há violência, não há polícia na ilha, e as portas das casas estão sempre abertas para quem quiser entrar. O que faz falta mesmo é a água encanada. Para tudo: dar descarga nos banheiros, lavar pratos e roupas, tomar banho.

Não faz muito tempo, luz também era luxo. Na minha infância, a energia elétrica vinha de um único gerador, usado exclusivamente à noite, quando os televisores eram ligados nas novelas. As janelas da casa de meu avô, que teve uma das primeiras TVs do Paty, ficavam sempre cheias de gente. Era o nosso cineminha.

A ilha abriga, basicamente, quatro famílias — os Queiroz, os Amorim, os Ramos e os Sacramento. Foi lá que meus pais cresceram e se conheceram, Célia Sacramento e Ivan Ramos. Hoje, como numa aldeia indígena, todo mundo no Paty é meio parente, meio primo. Já tentamos fazer uma árvore genealógica, mas foi tão difícil que desistimos no meio do caminho. São muitas interligações e, para complicar, os moradores se libertam da formalidade dos documentos e usam outros nomes. Eles só se tratam por apelidos curtos, muitas vezes engraçados. Meu avô paterno era Carrinho (de Carlos). Tinha um tio Piroca (de Pedro). E há vários outros diminutivos e abreviações que nem sei de onde